

| PESQUISA |

Foto Diego Barneche/Divulgação



O peixe-borboleta (*Chaetodon striatus*) vive normalmente aos pares no ambiente recifal

Foto Sergio Floeter/Divulgação



A garoupa-verdadeira (*Mycteroperca marginata*) tem sido observada em tamanhos maiores ultimamente na Rebio

Um mar com muitas informações

Projeto de pesquisa da UFSC visa entender e estudar aspectos importantes da vida marinha em Santa Catarina

O projeto de pesquisa Ilhas do Sul, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), coloca a instituição como pioneira em integrar múltiplos grupos de pesquisa marinha no país. Coordenado pelo professor Sergio Floeter, a pesquisa, que está disponível no site www.lbmm.ufsc.br, engloba os laboratórios de crustáceos e plâncton, ficologia (algas), hidráulica marítima, biogeografia de peixes e de animais do fundo do mar – todos da UFSC.

Durante mais de um ano, de dezembro de 2007 a abril deste ano, um grupo de estudantes realizou mergulhos em ilhas distantes de um a 13 quilômetros da costa de Florianópolis. Cada pesquisador tem uma missão diferenciada. O biólogo Diego Barneche, por exemplo, trabalha com a amostragem de peixes – conta as espécies e os indivíduos.

Em novembro do ano passado, um relatório parcial indicava que a fiscalização exercida na Reserva Biológica Marinha do Arvoredo (Rebio) – pode não estar contendo a pesca ilegal na área protegida. Os pesquisadores não detectaram diferenças significativas nos valores de biomassa (quantidade total de matéria) de espécies-alvo de pesca entre ilhas localizadas na reserva e em outras sem proteção.

Para chegar a essa conclusão,



Foto Diego Barneche/Divulgação

Mergulhadora fazendo censo visual para contar peixes na Rebio do Arvoredo

a equipe realizou 89 mergulhos, entre dezembro de 2007 e abril de 2008, em 10 pontos localizados em cinco ilhas. Três pertencem à reserva e são protegidas por lei (Ilha da Galé, Ilha Deserta e Ilha do Arvoredo) e duas não têm restrição explícita à pesca, mas são importantes patrimônios ecológicos (Ilha do Campeche e arquipélago das Ilhas de Moleques do Sul).

Os resultados preliminares apontam uma curiosidade: nas três ilhas localizadas na área da reserva, a massa total de espécies-alvo de pesca (como a garoupa e o badejo-mira) não teve diferenças significativas em relação às ilhas do Campeche e do arquipélago de Moleques do Sul – sendo que essas não possuem restrição à pesca. Diego Bar-

neche acredita que o problema esteja na prática da pesca ilegal na área que virou reserva há 18 anos.

Embora esteja sujeito a consideráveis margens de erro, o censo visual tem como vantagem não agredir o meio ambiente. Diego diz que o treinamento do mergulhador é essencial para a eficácia do censo. Ele tem que ter rapidez na memorização para poder identificar as espécies, já que cada saída dura em média de quatro a cinco horas.

Com base nas anotações, os pesquisadores do Laboratório de Biogeografia e Macroecologia Marinha, do Centro de Ciências Biológicas da UFSC, poderão detectar, por exemplo, se houve alteração no ambiente de um ano para o outro, como as comuni-

dades marinhas se comportaram e aspectos da vida marinha. A boa notícia é que nos dados coletados agora em 2009 algumas espécies de garoupas e badejos estão com tamanho maior do

que em 2008 sugerindo êxito na fiscalização da Rebio no último ano. Quem sabe no futuro próximo os peixes de grande tamanho estarão novamente de volta. Outro dado interessante foi o registro pela primeira vez de mais 10 espécies de peixes nas ilhas catarinenses, aumentando nosso conhecimento sobre a biodiversidade marinha.

Neste aspecto, o estudo também é pioneiro. Pela primeira vez, um estudo científico sistematiza dados sobre fauna de peixes em diversas ilhas de Santa Catarina, com diferentes graus de proteção contra a pesca. Além dos estudos feitos com peixes, outros laboratórios parceiros estão quantificando algas, crustáceos, outros organismos do fundo marinho, qualidade da água e energia de ondas.

Os pesquisadores envolvidos no projeto entram agora em uma nova fase: a tabulação dos dados coletados para que possam ser utilizados em novas pesquisas – cada um na sua área, mas todos integrados por um mesmo objetivo: entender um pouco mais sobre o comportamento da vida marinha em Santa Catarina.



O belo peixe-donzela amarelo (*Stegastes variabilis*) é bastante territorialista

Foto Sergio Floeter/Divulgação